Uma história de Alice Cardoso
Bruxinha Luna
e a Palavra Mágica
EDIÇÕES NOVA GAIA

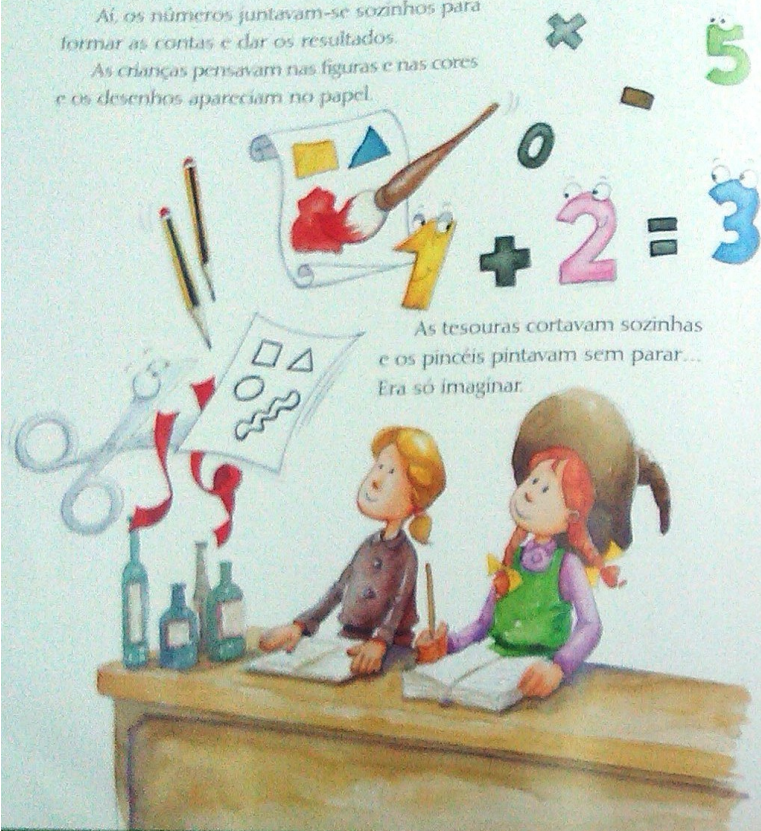
A Luna não era uma menina qualquer.

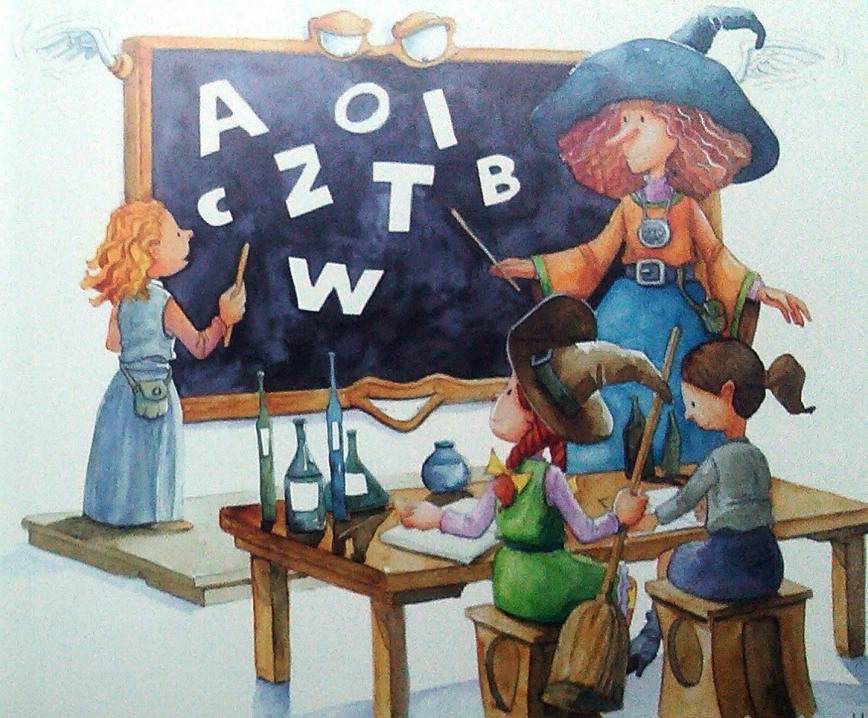
Cedo aprendeu que se caísse e fizesse um arranhão bastava passar com a mão e… já está.

Conseguia rodopiar e voar… não muito alto… mas dava para sentir o coração a bater e o corpo a tremer. Fazia corridas com o vento e saltava por entre os pingos da chuva…

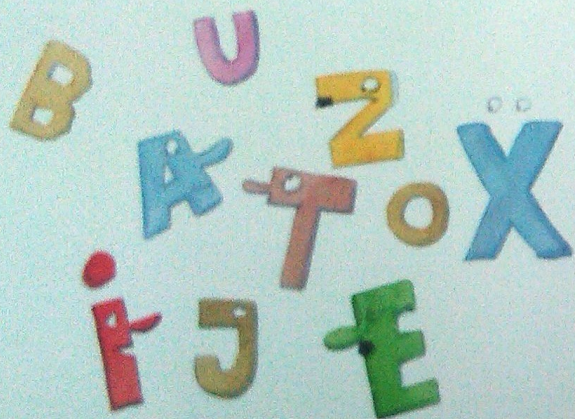
Os pais da Luna levaram-na para a escola.
Mas não era uma escola qualquer... era uma escola de magia...

Aí, os números juntavam-se sozinhos para formar as contas e dar os resultados.

As crianças pensavam nas figuras e nas cores e os desenhos apareciam no papel.

As tesouras cortavam sozinhas e os pincéis pintavam sem parar...
Era só imaginar.

As frases falavam umas com as outras e as letras uniam-se para formar palavras muito importantes: as palavras mágicas que permitiam a cada pequeno feiticeiro fazer magia com a sua varinha.

Luna, sentada na almofada especial, esperava ansiosamente pela sua palavra mágica. As letras juntavam-se, separavam-se, mudavam de posição, os fonemas discutiam… parecia que não chegavam a acordo.

Por fim, as letras fixaram-se no quadro e formaram a palavra mágica: "XACARAMIAU".

Luna ficou preocupada. Era uma palavra com muitas sílabas e difícil de decorar. Mas quem manda são as palavras, com as suas leis e regras…

Luna quis experimentar a sua varinha mágica. Abriu a porta da sala da música. Os instrumentos estavam a ensaiar para o concerto do "Dia das Bruxas". Cada uma das sete notas musicais aparecia no seu tempo, dançando harmoniosamente com o violino, o piano, a harpa, o violoncelo, o oboé e a trompa.

Mas o Si, teimoso e irreverente, resolveu entrar ao mesmo tempo que o Dó. Os instrumentos confundiram-se: uns tocavam Dó outros Si. As notas musicais entraram todas juntas, discutindo nos seus sons agudos e graves e em ritmos diferentes. Os instrumentos tentavam acompanhar...

Luna levantou a varinha mágica, para que tudo voltasse à normalidade, exclamando bem alto:

O barulho e a confusão continuaram.

Luna tinha-se esquecido da palavra mágica. Fechou a porta e continuou a andar pelo corredor comprido.

Entrou na sala de desporto. Algumas bolas saltavam e lançavam-se para as tabelas de basquete. Outras rolavam até às balizas. Patins deslizavam e faziam piruetas. Duas raquetes disputavam um jogo de ténis.

Uma cama elástica perguntou à Luna se ela queria saltar. Luna saltou, deu cambalhotas – para a frente e para trás – e voou baixinho sentindo de novo o coração a bater e o corpo a tremer.

De repente, teve vontade de voar mais alto. Pegou na sua varinha mágica e gritou: "CARA DE MAU".

Caiu no chão com estrondo. As pernas e os braços ficaram enrolados, o rabo para o ar, os cabelos desgrenhados e os sapatos voaram alto, indo cair, um deles, em cima da cabeça da pobre Luna.

A cama elástica ria à gargalhada.

As bolas, os patins e as raquetes olharam-na, aborrecidos por ela ter importunado o seu exercício físico.

Luna pediu desculpa e saiu cabisbaixa da sala de desporto.

Continuou a andar pelo corredor comprido.

Uma porta abriu-se e a Luna espreitou.

— Entra! – a professora, uma bruxa muito experiente, colocava algumas ervas num caldeirão com água a ferver – Vem ajudar-me a fazer esta poção mágica.

— Para que serve? – perguntou Luna.

— Toda a magia deve servir para ajudar os outros. Há quem chame magia à ciência... e é essa magia que faz o homem viver melhor, com mais conforto e saúde. Nós, feiticeiros da ciência, estamos sempre a estudar, observar, experimentar e reflectir...

A professora deu uma enorme colher de pau a Luna e continuou:

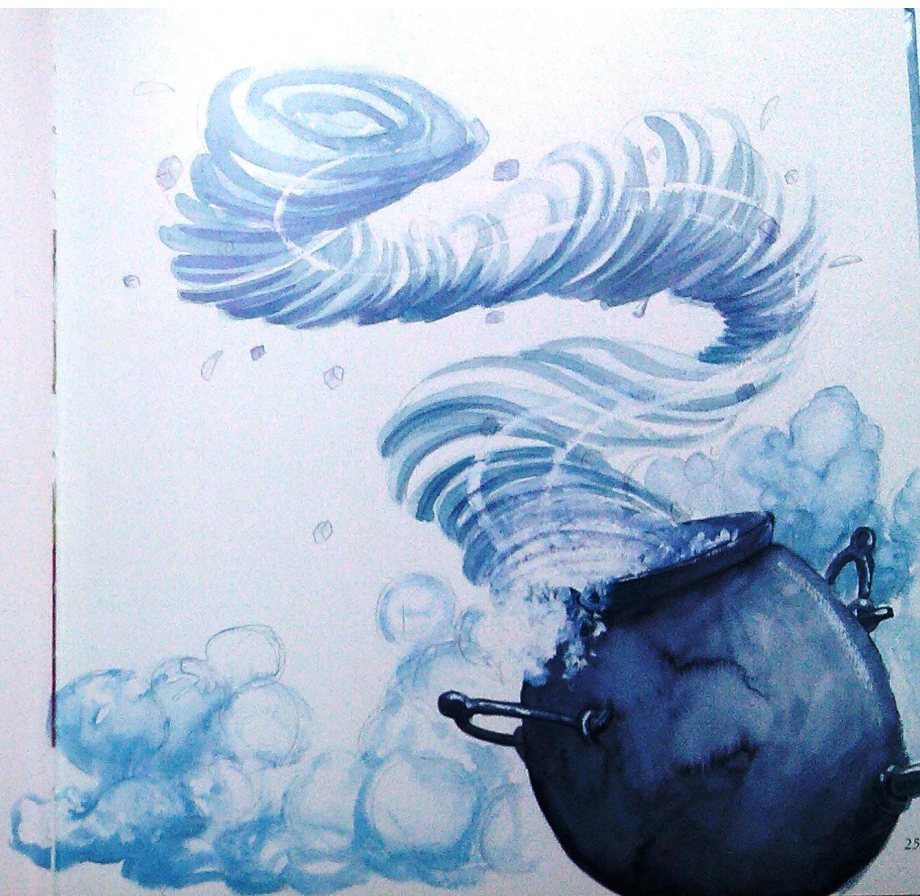
– Mexe, mas sempre para o mesmo lado, o lado do bem.

Luna mexeu com cuidado os ingredientes que ferviam dentro do caldeirão.

– Agora, Luna – ordenou a professora – inclina a tua varinha sobre o caldeirão e diz a tua palavra mágica.

Luna, apreensiva, inclinou a varinha e exclamou: "Perna de pau!".

A sala ficou subitamente silenciosa. De repente, um redemoinho uivante surgiu do caldeirão atirando ervas por todo o lado. A água fervente transformou-se em cubos de gelo. Luna falhara a palavra mágica.

– Tens de ser responsável pela tua palavra mágica, Luna. Nunca a podes esquecer! – disse a professora. – Só dessa forma és especial e única.

Luna continuou a caminhar pelo corredor comprido e parou junto de uma porta vermelha que se encontrava aberta. Entrou.

A sala estava cheia de espelhos. No fundo, sombras chinesas apareciam e desapareciam. Um dos espelhos irradiou-se de luz e surgiu uma mancha indefinida. Luna arqueou as sobrancelhas, surpreendida. Uma face pálida apareceu no espelho. Luna sentiu medo. Empalideceu, ficando paralisada a olhar.

Depois fugiu, parando junto de outro espelho onde viu o rosto da sua mãe.

Luna sorriu, sentindo a calma, o contentamento, a tranquilidade do amor e compreendeu que estava numa sala muito especial: a sala das emoções...

De repente um rosto triste e desgostoso surgiu no espelho. Luna comoveu-se e pegou na varinha mágica pronta a transformar aquela expressão de tristeza numa de alegria e felicidade.

– CHORAMIAU! – gritou.

O rosto à sua frente ficou banhado em lágrimas. Irada, Luna pegou na sua varinha, pronta a despedaçá-la no chão. Mas, como por magia, sentiu uma voz dentro do seu coração que lhe disse: "XACARAMIAU".

A varinha mágica ficou suspensa no ar e tudo se transformou...

Luna tinha aprendido uma grande lição na escola de magia.

A palavra mágica está no nosso coração.